

A INSURGÊNCIA DO PARADOXO JEKYLL-HYDE

Vinicius Lucas de Souza (UNESP – Araraquara)¹
Aparecido Donizete Rossi (UNESP – Araraquara)²

Resumo: O objetivo do presente texto é analisar o romance *O médico e o monstro* (*Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, 1886), de Robert Louis Stevenson, visualizando como o Paradoxo Jekyll-Hyde insurge, isto é, como a multiplicidade metamorfoseia o signo do duplo (*Doppelgänger*) na narrativa mencionada, indicando a insurgência de um tecido fragmentado, múltiplo em diversos aspectos, como corroboram as várias personas que emergem do corpo do outrora uno Dr. Jekyll e os documentos que se inserem nesse romance, formando uma estrutura de texto dentro de texto, *mise-en-abîme*.

Palavras-chave: O médico e o monstro; Robert Louis Stevenson; Duplo; Paradoxo Jekyll-Hyde.

Introdução

No primeiro momento de nossas pesquisas acerca do tema literário do duplo (*Doppelgänger*), o empreendimento da análise do romance *O médico e o monstro* (*Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, 1886), de Robert Louis Stevenson, iniciou-se da materialização do Complexo de William Wilson a partir do conto “William Wilson” (1839), de Edgar Allan Poe; seu primórdio em “O homem da areia” (“Der Sandmann, 1816), de E. T. A. Hoffmann, e consequente revisitação no romance *O retrato de Dorian Gray* (*The Picture of Dorian Gray*, 1890; 1891), de Oscar Wilde. Faz-se importante notar que o termo “Complexo de William Wilson” já fora utilizado por Renata Soares Junqueira em sua pesquisa intitulada “O complexo de ‘William Wilson’: crise de consciência e perquirição de identidade no moderno teatro português”, mas o que aqui se propõe ressignifica o referido Complexo ao imbuí-lo com certas características que emergem especificamente da obra de Poe.

Nesse momento, os três pilares do Complexo referido emergiram:

[...] uma materialização de uma segunda entidade, que compartilharia traços físicos e detalhes da personalidade da personagem **original**; a existência do *Unheimliche*, o familiar e estranho convergindo para

¹ Graduado em Letras (Português/Inglês/Alemão) pela UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (2015), mestrando em Estudos Literários pela mesma universidade e bolsista CNPq de Mestrado. Contato: viniciuslucassouza@gmail.com.

² Doutor em Estudos Literários pela UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. É professor de literatura inglesa na UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, onde também atua no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários como professor efetivo, pesquisador e orientador. É líder do grupo de pesquisas (CNPq/UNESP) Vertentes do Fantástico na Literatura e membro do grupo de pesquisas (CNPq/UERJ) Estudos do Gótico. Contato: adrossi@fclar.unesp.br.

uma mesma personagem; e o espelho, auxiliador da manifestação do *Doppelgänger* (SOUZA; ROSSI, 2015, p. 9, grifo dos autores).

O Unheimliche aqui é entendido conforme definido por Sigmund Freud em “O ‘estranho’” (“Das Unheimliche”, 1919): “[...] aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (1996, p. 238).


Partindo do Complexo de William Wilson, nossa empreitada desembocou na revisão desse Complexo na narrativa de Stevenson em questão e como ela contribui para o tema do duplo. Nesse instante de nossas pesquisas, a análise caminhou para o que se denominou Paradoxo Jekyll-Hyde: o motivo do duplo no romance altera-se para um nível de multiplicidade, isto é, a ordem do dois não mais domina a filigrana do texto do médico e do monstro, mas há a insurgência de um tecido fragmentado, múltiplo em diversos aspectos. Assim, objetiva-se visualizar como o Paradoxo Jekyll-Hyde insurge de *O médico e o monstro*, transformando a ordem do *Doppelgänger*, do duplo ao múltiplo.

A insurgência do Paradoxo Jekyll-Hyde³

Em *O médico e o monstro*, a narrativa segue o mistério que cerca o respeitável Dr. Henry Jekyll e o infame assassino Mr. Edward Hyde. Somente nos dois últimos capítulos do romance é que a revelação do segredo ocorre: Jekyll desenvolveu uma fórmula química, fruto de sua pesquisa no campo da Medicina Transcendental, capaz de transformá-lo em Hyde. Contudo, a transformação enraiza-se no corpo do protagonista, ocorrendo aleatoriamente em vários momentos e forçando o emprego da mesma droga para retornar à fisicalidade do doutor.

Com essas idas e vindas do cientista e do assassino, um terceiro ser emerge: o hospedeiro das duas personagens, que se adapta física e mentalmente à personalidade que no momento está consciente. Em outras palavras, a droga não origina apenas Edward Hyde, mas sintetiza também o corpo do velho Jekyll (aparentemente *uno*) num envelope portador de dois seres que, diferentemente do previsto na tradição do duplo, não são opostos, mas sim complementares. O que se observa nesse *estranho caso* é a insurgência da fragmentação, não mais um caso exclusivamente de duplicação, e sim de

³ O presente texto é uma versão resumida de uma parte do artigo “O médico, o monstro e os outros”, publicado no número 3 da revista *Abusões*.



triplicação. O trio-protagonista sofreria as diversas mutações ocasionadas pela primeira alternância, variando de Jekyll a Hyde, de Hyde a Jekyll, ao ponto de sofrer uma conjunção. Isso se evidencia pela impossibilidade de afirmar que a confissão presente ao fim do romance seja de autoria de Henry Jekyll, ou de Edward Hyde ou ainda da *Criatura* (o hospedeiro), uma vez que, em vários instantes desse texto composto, a princípio, a seis mãos, o *eu* varia de personalidade:


Nasci no ano de 18..., numa família de grande fortuna, dotado de talentos consideráveis, com uma tendência natural para o trabalho, afeiçoado ao respeito dos meus concidadãos mais sábios e de melhor caráter, e deste modo, como é fácil supor, com todas as garantias de um futuro honrado e brilhante.

[...] Não pretendo descrever em detalhes as infâmias *das quais fui cúmplice* (porque mesmo agora é-me difícil admitir que as cometi eu mesmo); quero apenas indicar os avisos e os sucessivos passos com que meu castigo foi se aproximando aos poucos. *Tive um acidente* que mencionarei apenas de passagem, pois não trouxe outras consequências. Um ato de crueldade contra uma criança *atraiu sobre mim* a ira de um transeunte, um homem que reconheci, dias atrás, na pessoa de um parente seu [...].

[...] *Senti que teria* agora de escolher entre elas. Minhas duas naturezas tinham uma memória em comum, mas todas as outras faculdades eram compartilhadas entre elas de forma desigual.

[...] No dia seguinte, os jornais revelaram que o crime fora presenciado por uma testemunha, que a culpa de Hyde era conhecida por todos, e que a vítima era um homem público altamente considerado. Não tinha sido apenas um crime, mas uma trágica imprudência. Acho que fiquei contente em saber disto; alegrei-me de ter os meus melhores impulsos a salvo, protegidos pelo medo do cadafalso. *Jekyll era agora* minha cidadela de refúgio, porque *se Hyde entremostrasse* seu rosto por um só instante as mãos de todos os homens estavam prontas para agarrá-lo e fazer-lhe justiça (STEVENSON, 2011, p. 85; 92; 95; 98, grifo nosso).


Dessa forma, tais indícios textuais evidenciam que esse *eu* pluraliza-se pelas várias faces que se presentificam ao longo da escrita da confissão: em alguns momentos Henry Jekyll, focando na sua experiência existencial, está no controle da narração confessional — “Nasci no ano de 18..., numa família de grande fortuna, dotado de talentos consideráveis, com uma tendência natural para o trabalho [...]” —; noutros Edward Hyde toma a posse da caneta, lembrando seus atos transgressores — “Um ato de crueldade contra uma criança atraiu sobre mim a ira de um transeunte [...]” —; assim como se vê o descolamento do hospedeiro nesse jogo escritural — “Senti que teria



agora de escolher entre elas. Minhas duas naturezas tinham uma memória em comum, mas todas as outras faculdades eram compartilhadas entre elas de forma desigual” —, presenciando a consequência das ações de seus *outros* — “Jekyll era agora minha cidadela de refúgio, porque se Hyde entremostrasse seu rosto por um só instante as mãos de todos os homens estavam prontas para agarrá-lo e fazer-lhe justiça”.

Outro aspecto, evidência do fragmento, é o jogo de documentos. Tomando o cofre de John Utterson como o tabernáculo máximo dos papéis em questão, o advogado tem-no como o guardião de três posses: o testamento de Henry Jekyll, no qual o médico oficializa Edward Hyde como seu herdeiro; a suposta carta de Hyde, em que *sua assinatura* afirma sua fuga eminente e o envelope lacrado de Hastie Lanyon, contendo outro envelope, o qual comporta a narrativa do nono capítulo, em cujo conteúdo insere-se a carta de Jekyll, informando o lugar da gaveta e a ordem de mistura dos sais e substâncias. Com esse jogo de guardião e guardado, hospedeiro e hóspede, encaixe e desencaixe, *mise-en-abîme*, a fragmentação não mais é um indício, mas se realiza na superfície ou estrutura do texto. O duplo não mais impera como possibilidade, ele é transformado, uma vez que o jogo “cofre-documentos”, a partir de um processo metanarrativo, abre um leque de caminhos múltiplos. Sendo o cofre o arquivador do testamento de Jekyll — prova oficial da relação entre o cientista e o assassino —, da carta de Hyde — a afirmação de sua existência material, por meio da assinatura — e do duplo envelope de Lanyon — indiciando a inserção de um envelope dentro de outro, contendo o último a narrativa do olhar do outro sobre o segredo central, no seio da qual consta um outro texto —, esse item plasma o mesmo princípio que se alastrou pelo corpo que um dia dignara-se da ilusão da unidade.

O guardião desses três documentos, mais tarde, é confrontado por um outro conjunto de textos, novamente uma tripla combinação. Em “A última noite”, o oitavo episódio do fio narrativo, Utterson encontra, no escritório de Jekyll, três documentos: um novo testamento, passando as fortunas do cientista ao advogado; um bilhete, no qual Jekyll instrui Utterson a ler, primeiramente, a narrativa de Lanyon e, secundariamente, de acordo com a vontade do detetive, sua confissão, e um envelope lacrado em vários lugares contendo o relato final. Assim, com esses diversos textos, materializa-se, nos vários níveis da narrativa, uma convergência do metatexto (um texto no interior do



outro) com o fragmentário: um manto que inscreve em si a metatextualidade e a fragmentação; múltiplas centelhas que se lançam num labirinto abismal.


Em dado momento, relatando a Utterson, ao avistar Hyde, Poole confunde-o com Jekyll:

Ergueu os olhos quando me viu entrar, deu uma espécie de grito, e subiu as escadas correndo, trancando-se no escritório. Vi-o apenas durante um minuto, mas meu cabelo arrepiou-se todo. Senhor, se aquele era o meu patrão, por que motivo tinha uma *máscara* cobrindo o rosto? Se era meu patrão, por que guinchou como um rato, e fugiu de mim? Fui seu criado durante muito tempo. E agora... (STEVENSON, 2011, p. 64, grifo nosso).

Na visão do mordomo, enquanto manifestada a personalidade Hyde, uma máscara, assim percebida pelo olhar alheio, está pregada no rosto do famigerado assassino. Uma máscara é a representação de um rosto, mas não necessariamente encobre um rosto “real”, sendo esse objeto um símbolo de simulacro e simulação que não tem nenhum compromisso com a “realidade”. Logo, um fragmento a mais impregna-se no corpo do trio que, desse modo, passa a ser quádruplo: manifestado Hyde, seu rosto assume a forma de uma máscara, um artefato que oculta e substitui uma face talvez inexistente.


No que concerne à droga, na confissão, o(s) seu(s) autor(es) inicia(m) uma linha de pensamento que incita o fragmentar:

Naquela noite cheguei à encruzilhada fatal. Se tivesse empreendido a minha descoberta com espírito mais nobre, se tivesse me arriscado naquela experiência quando sob a influência de aspirações generosas ou piedosas, tudo poderia ter sido diferente, e, daquelas agonias tão intensas quanto as da morte e do nascimento, eu poderia ter emergido como um anjo, ao invés de um demônio. *A ação da droga não discriminava; não era em si diabólica nem divina; ela apenas arrombava as portas da prisão da minha vontade; e como os cativos de Filipos, aquele que estava mais pronto foi o primeiro a fugir.* Naquele momento minha virtude cochilava; minha maldade, mantida desperta pela minha ambição, estava alerta e pronta para aproveitar a ocasião; e a criatura que foi projetada foi Edward Hyde. Daí que, embora eu tivesse duas personalidades, bem como duas aparências, uma delas era totalmente maligna, e a outra era ainda o velho Henry Jekyll, aquele misto incongruente que eu já perdera as esperanças de mudar e aperfeiçoar. O movimento ocorrido, portanto, foi totalmente para o pior (STEVENSON, 2011, p. 90, grifo nosso).



Mais do que se decidir entre o bem e o mal, a *tintura* de Jekyll — “Eu já havia há muito tempo preparado a minha *tintura*” (STEVENSON, 2011, p. 88, grifo nosso) — manifesta-se da mesma forma que Jacques Derrida lê o *phármakon* no diálogo *Fedro*, de Platão, em seu livro *A farmácia de Platão* (“La pharmacie de Platon”, 1968): “O *phármakon* e a escritura são, pois, sempre uma questão de vida [e] de morte” (2005, p. 52). Mantendo-se na indecisão entre esses dois pólos, a substância de Jekyll não entra, nas suas palavras, numa valoração opositiva, já que ao invés do monstro luciferino, um ente celestial poderia emergir desse experimento. Assim, a droga, seja ela veneno ou remédio ou ambos, é *indecidível*: não há uma vereda escolhida, como no poema “O caminho recusado” (“The Road Not Taken”, 1916), de Robert Frost, mas somente a abertura das portas e então a eterna permanência na encruzilhada da existência, muito mais próxima ao que faz Emily Dickinson em “Nossa jornada avançara—” (“Our Journey Had Advanced—”, 1891). Os antípodas não se neutralizam e passam a assomar um ciclo interminável de hesitação, no qual extremos ou sínteses ausentam-se e somente há o(s) *entre(s)*: “Bem antes de ser dividido em violência oculta e saber justo, o elemento do *phármakon* é o lugar do combate entre a filosofia e seu outro. Elemento *nele mesmo*, se podemos ainda dizer, *indecidível*” (DERRIDA, 2005, p. 88, grifo do autor).

É esse elixir que possibilita a abertura do portal do cárcere volitivo e de lá a vinda de Edward Hyde. Note-se, no trecho do romance mencionado anteriormente, que ele seria o primeiro a sair — “[...] e como os cativos de Filipos, aquele que estava mais pronto foi o primeiro a fugir”. O que leva à(s) pergunta(s): se Hyde fora o primeiro a fugir e, por consequência, a ser materializado, o que mais existiria nesse repositório do *phármakon*? Quem são os espectros imaterializados ainda aprisionados? Estariam tais seres ainda presos? A poção somente arrombara tais portas, não pressupondo, pelo menos nas palavras confessionais desse relato, um lacre depois da saída de Hyde, pois o movimento que o liberou fora de ordem explosiva. Dessa forma, o *phármakon* jekylliano, arrombando o portão infernal das vontades, permitira que o teratológico se manifestasse na corporeidade de Jekyll, porém sem encerrar essas portas, possibilitando, como se reitera em vários elementos que se veio discutindo (o múltiplo e o fragmentário nos documentos, no corpo da quadratura, na linguagem escrita no relato confessional),



um alastramento brutal dessa multidão encarcerada que foge pelas frestas do texto-portal, fantasmas que viralizam e contaminam as várias instâncias dessa narrativa, estigmatizando suas vítimas com um rastro fragmentário múltiplice, inclusive o próprio corpo do qual se abjugou. Em termos mais (meta)físicos:

A magia da escritura [...] é, pois, aquela de um disfarce que dissimula a morte sob a aparência do vivo. O *phármakon* apresenta e abriga a morte. Ele dá boa figura ao cadáver, o mascara e disfarça. Perfuma-o com sua essência [...]. O *phármakon* designa também o perfume. Perfume sem essência, [...] droga sem substância. Ele transforma a ordem em enfeite, o cosmos em cosmético. A morte, a máscara, o disfarce, é a festa que subverte a ordem da cidade, tal como ela deveria ser regulada pelo dialético e pela ciência do ser.

[...] O esperma, a água, a tinta, a pintura, o tingimento perfumado: o *phármakon* penetra sempre como o líquido, ele se bebe, se absorve, se introduz no interior que ele marca, primeiramente, com a dureza do tipo, invadindo-o em seguida e inundando-o com seu remédio, sua beberagem, sua bebida, sua poção, seu veneno.

No líquido, os opostos passam mais facilmente um no outro. O líquido é o elemento do *phármakon*. E a água, pureza do líquido, se deixa o mais facilmente, o mais perigosamente, penetrar e depois se corromper pelo *phármakon*, com o qual se mistura e se compõe tão rapidamente (DERRIDA, 2005, p. 92; 102).

Nas cenas finais do referido capítulo oito, Poole e Utterson, ao arrombarem o escritório de Jekyll, encontram um ambiente em caos e um cadáver. Neste momento, o corpo quádruplo estava configurado como Edward Hyde, e um objeto intrigante completa a ambientação:

Em seguida, no curso do seu exame, os dois se aproximaram do grande espelho, que contemplaram com involuntário horror. *Mas o espelho, que era montado sobre gonzos de modo a girar verticalmente sobre si próprio, estava apontando para o teto, mostrando nada mais do que o brilho rosado das chamas bruxuleando no teto, as mil cintilações criadas pelo fogo ao longo dos armários envidraçados, e os seus próprios rostos, pálidos e temerosos, debruçando-se para olhar.*

— Este espelho deve ter visto algumas coisas estranhas, senhor — sussurrou Poole.


— E com certeza nenhuma mais estranha do que ele próprio — respondeu o advogado no mesmo tom. — Senão vejamos, por que motivo Jekyll... — ele se interrompeu com um sobressalto ao dizer esta palavra, mas logo se recompôs desta fraqueza — ... para que Jekyll precisaria dele aqui?

— Bem observado — disse Poole (STEVENSON, 2011, p. 71, grifo nosso).

O que se vê aqui é a máxima potência da fragmentação. O espelho em questão, materializando em sua grande corporeidade as imagens de Utterson, Poole, das chamas e do cadáver, devido a uma inclinação, reflete esse imaginário nos vidros dos armários presentes no local, criando infinitas reflexões de reflexões. A luz, provinda das chamas e múltipla em si, já que espectro luminar que agrupa o *continuum* das cores do arco-íris, lança-se ao objeto catóptrico, contribuindo na disseminação da multiplicidade ao longo do gabinete, a qual é exacerbada pelos vidros dos armários e pela quadratura representacional (Jekyll, Hyde, hospedeiro, máscara) sucumbida. A pura fragmentação, o *só-refletir*, rompe as barreiras da realidade factual e abre suas asas para sua *performance* suprema. A fragmentação do múltiplo pelo espelho, contaminado pelo fragmentário e transmissor dele, transcende o terceiro elemento do Complexo de William Wilson: o espelho não mais é responsável pela reflexão de um par, mas por pares de pares *ad infinitum*, *ad absurdum*, subvertendo e corrompendo o império da duplicidade.

Ademais, no momento da escrita de sua confissão, é mencionado que a já quadratura representacional está diante do espelho referido previamente: “Não havia espelho no aposento, naquela época; este que agora está diante de mim enquanto escrevo foi trazido para cá bem depois, com o propósito de acompanhar estas transformações” (STEVENSON, 2011, p. 88). Do autor à página, da página ao espelho — novamente se dá a reduplicação de uma relação quádrupla, agora por meio da reflexão da escritura confessional. Nesse caso, uma autoficcionalização, a ficcionalização da quadratura por ela mesma, é virtualizada, um ficcionalizar de si no interior de um universo especular, a dimensão da catoptridade.

Com essas cenas e com o que se apresentou até aqui, a insurgência de um só-paradoxo, ou um paradoxo de paradoxos, é iminente: o que ora denominamos “Paradoxo Jekyll-Hyde” insurge e, dimanante disso, consome a dupla existência, o duplo caso, o trio e o quádruplo. O Complexo de William Wilson é revisado, inovado e ampliado exponencialmente, com uma carga significativa colossal. O *Doppelgänger* perde suas forças e dá lugar ao puro fluxo da fragmentação. Somente o refletir da reflexão manifesta-se, apontando que não há um primeiro eu e um segundo eu, mas uma



proliferação incontrolável, uma disseminação contaminadora, de *eus* que, em seu conjunto, não compõem um *nós* ou um *eles*, não compõem conjuntos harmônicos de sujeitos ou objetos, de modo que o reflexo independe daquilo que é refletido, o reflexo ganha independência em relação ao refletido, apontando para um *só-fragmento* que é também um *só-fragmentar*. Como a quadratura-autor relata, “Outros me seguirão, outros irão me ultrapassar nesse caminho; e eu arrisco a suposição de que o homem acabará sendo reconhecido como uma assembleia de inquilinos múltiplos, incongruentes e autônomos” (STEVENSON, 2011, p. 86). Com tal afirmação presente na textualidade de *O médico e o monstro*, temos, além da morte do duplo ou sua transmutação em múltiplo, a ascensão da Era do Fragmento, a era do simulacro e da simulação, ou a própria contemporaneidade, adiantada em quase cem anos em relação aos pós-estruturalistas e às teorizações de Jean Baudrillard.


A obra máxima de Stevenson pode ser considerada, portanto, para além de uma manifestação tardia do Romantismo na literatura inglesa e de um marco na tradição da literatura gótica ocidental, um dos textos fundadores dos paradoxos da pós-modernidade, um dos textos fundadores da contemporaneidade. Talvez essa sua capacidade de disseminar alteridades aterrorizantes, teratologias incontroláveis, seja uma das razões pelas quais *O médico e o monstro* continua se constituindo como o outro da ficção contemporânea, desdobrando-se atualmente em infinitas adaptações, referências, reinscrições, releituras, que abrangem suportes tão variados como o cinema, o teatro e as séries de televisão.

Referências

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. 3. ed. rev. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FREUD, Sigmund. O ‘estranho’. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII, p. 233-273.

SOUZA, Vinicius Lucas de; ROSSI, Aparecido Donizete. A emergência do Complexo de William Wilson. *Vocábulo*, Ribeirão Preto, n. IX, 2015, p. 1-19. Disponível em:



<http://www.baraodemaui.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/nono/7_vinicius_volume_IX.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

STEVENSON, Robert Louis. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*. São Paulo: Hedra, 2011.